

Juliano Paines Martin¹

O livro *Consciência metapragmática* discute a inter-relação entre linguagem e cognição, destacando a importância da linguagem para o desenvolvimento humano. Nele, pensamento e linguagem são considerados igualmente importantes para o amadurecimento linguístico-cognitivo, pois as palavras, por vezes orientam nossas ações e pensamentos. As palavras, de fato, criam mundos. No livro, a pesquisadora apresenta exemplos de como o professor pode orientar seus alunos na tomada de consciência dos usos efetivos da linguagem em situações comuns do dia a dia. A autora destaca ser preciso considerar que se *falar* e *andar* são atividades humanas naturais, que não exigem consciência, ler e escrever não. Essas duas atividades exigem tomada de consciência. Por isso, antes mesmo de ler por conta própria, a criança tem de saber quem faz o que nos textos – quem são as personagens e qual seu papel, qual delas é criança, quais são adultos etc. Ao ouvir a leitura de um texto, a criança aprende a considerar tanto as marcas linguísticas quanto a discernir sobre o que o texto trata, orientando-se a respeito da relação entre a história lida e a sua vida, no contexto em que se encontra, por exemplo, em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, ou em Nova York, nos EUA.

Quanto à consciência metalinguística, tecnicamente ela diz respeito à orientação sobre o contexto de produção da história e o contexto do leitor – quem participa da história, se a história se passou há muito tempo ou não, quem são os participantes (personagens) e suas contribuições para o desenvolvimento textual. Então, pragmática tem a ver com a relação entre linguagem e contexto e metapragmática é a reflexão que permite concluir a respeito disso tudo, situando-se em relação à realidade. Por exemplo, numa narrativa dialogada, a criança precisa dar-se conta de quem disse isso ou aquilo. Não dá para ler ou ouvir ler, muito menos escrever, sem ter consciência do que se está fazendo. Também é muito difícil escrever num ambiente muito tumultuado. A atenção se dispersa e não se consegue decidir sobre o que escrever. Em suma, leitura e escrita exigem a tomada de consciência sobre o que se está fazendo – pessoas envolvidas, lugar, posição no grupo, o que se é, que idade se tem e tudo o mais que oriente o leitor/redator sobre as coordenadas dêiticas de pessoa, tempo e lugar.

O livro é uma síntese da tese de doutoramento de sua autora, que pesquisou um tema inédito no Brasil, “a consciência metapragmática, no contexto escolar”. O foco do trabalho foi o “conhecimento consciente que os indivíduos têm sobre a linguagem verbal”, ou seja, o estudo analisou se crianças entre cinco e dez anos incompletos - das redes pública e privada de ensino da cidade de Porto Alegre - conseguiam orientar-se sobre o que liam, pensando a respeito da leitura feita.

Muitas das discussões teóricas que constituem a obra são “multidisciplinares”, percorrendo a ciência como grande área e suas ramificações: a linguística, a psicolinguística, a física, a biologia, a sociologia, a educação, a psicologia etc.

No estudo, muitas perguntas levam a pensar sobre o fazer docente e o contexto escolar: o que a escola realmente julga ser importante para a criança saber? Até que ponto a criança tem consciência do porque e para que do uso da linguagem oral ou escrita? Por que ler este e não aquele texto? E muito mais.

As propostas de leitura constam do Protocolo Pragmático, instrumento do estudo, “material constituído de 11 cenas comuns do cotidiano de crianças, frequentadoras de

¹ Mestrando em Letras com Bolsa PROSUP/CAPES do PPGL Mestrado: Leitura e Cognição pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC/RS

escola, que foram apresentadas em uma fita de vídeo”. Para cada situação (cena) foram formuladas de três a seis perguntas.

O trabalho permite apreender a construção do conhecimento das crianças investigadas através de evidências da tomada de consciência metapragmática “processo gradual, de ordem qualitativa, que se distribui em etapas diferenciadas, distinguindo-se de acordo com o problema apresentado e com o sujeito.” Essa conclusão atesta que a linguagem implica conhecimento tácito (inconsciente -intuitivo- e ao mesmo tempo ativo) e conhecimento explícito (formulação deliberada, que desencaixa forma/conteúdo linguístico), sendo a evolução desse conhecimento “aberta e indeterminada” com “padrão detectável”, em ordem de complexidade crescente. Os detalhes desse padrão “são imprevisíveis”, o que define a consciência metapragmática enquanto processo não sincrônico, ao mesmo tempo em que esclarece que a intensificação de práticas leitoras significativas contribui para o seu avanço.

A obra *Consciência metapragmática* tem prefácio da professora e linguista Dr^a Leonor Scliar-Cabral, que comenta a abordagem de um estudo realizado a mais de vinte anos. Os estudos sobre cognição mais atuais não negam a base manifestada nesta importante contribuição, porque a obra explica a cognição humana e como a linguagem se manifesta no social. A cada processo ou manifestação cognitiva o sujeito (pensa, fala, olha, ouve, lê e escreve) o que é elaborado pela consciência são atividades puramente são metapragmáticas.

Recebido em: 19/04/2016. Aceito em: 18/05/2016.